



O campo fértil das pedagogias das Artes Cênicas no Brasil

Jornal da Universidade / 20 de abril de 2022

Artigo | Taís Ferreira, professora da Faced, avalia a qualidade e os desafios do modelo brasileiro de curricularização obrigatória na educação básica das práticas pedagógicas nas artes da cena

*Por: Taís Ferreira

*Foto: Flávia Dutra/JU

Quem comigo convive sabe: tenho repetido, já há algum tempo, que devemos nos orgulhar das práticas, reflexões e produções das pedagogias das artes cênicas desenvolvidas no Brasil nas últimas cinco décadas. Cumpre notar que esse movimento de “ufanar-me” daquilo que produzimos em nosso país só foi possível com a imersão em outras culturas e outros países que os programas de incentivo à pesquisa promovidos por governos anteriores propiciaram a mim. Ampliar nosso horizonte de expectativas é um exercício profícuo tanto para aprendermos com o outro como para reconhecermos naquilo que é nosso o seu valor intrínseco. Infelizmente, vemos operar na atual conjuntura, partindo do governo federal, a lógica do desmonte e da desvalorização de tudo o que concerne à educação, à cultura e à ciência: urge que revertamos esse panorama.

Mesmo aqueles que estão ligados ao campo do teatro, da dança, do circo e da performance por vezes desconhecem, mas o Brasil é um dos países com as mais ricas e instigantes experiências pedagógicas e políticas para a educação em artes da cena no mundo.

Das teatralidades tradicionais/populares e seus saberes e fazeres ao ensino formal de teatro e dança nas escolas de educação básica, passando pela formação de bailarinas/os e atrizes/atores e pelo teatro comunitário, social e político (que tem no teatrólogo Augusto Boal uma referência internacional quase sem precedentes), atuamos em diversas frentes, contextos e conjunturas, criando uma miríade de experiências com os mais diversos públicos.

Grupos de crianças, jovens, idosos, pessoas com deficiência, mulheres, pessoas em situação de cárcere, trabalhadores/as, populações indígenas, negras e periféricas, pessoas trans e comunidade LGBTQI+, imigrantes/migrantes, população em situação de rua, comunidades urbanas e rurais, movimentos sociais, entre outros, fazem teatro, circo e dança neste país com a orientação qualificada de docentes-artistas. Depois de anos de luta política do campo da arte-educação, a LDB de 1996 garantiu a formação específica de professores de Artes nas quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), além de outras leis sobre as áreas, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2018). Todos garantem a presença compulsória das Artes na educação básica brasileira.

No entanto, por que, quando olhamos para os países do hemisfério norte, nos colocamos em uma posição de subalternidade quanto à formação estética, cultural e artística de nossas crianças e jovens? Depreendo que seja porque, mesmo com políticas educacionais que garantam nossa (re)existência, não haja políticas públicas efetivas que garantam o direito às aulas de teatro e dança a todos jovens e crianças deste país.

Para nossa consternação e preocupação, há um abismo entre os projetos e sua implementação junto aos sujeitos que deveriam ser atendidos.

Contudo, mesmo que isso possa ser considerado um demérito, ainda deixamos estrangeiros literalmente boquiabertos com a formação acadêmica de licenciados/as em Teatro e Dança. “Professor de teatro com formação superior universitária? Existe uma graduação que forma professores de dança?” Muitas e muitas vezes em minhas incursões como pesquisadora no exterior (minhas experiências são restritas ao continente europeu, portanto é a esse território que me refiro aqui) respondi que “sim” a acadêmicos, artistas e pedagogas estupefatos. Esse é o verdadeiro “sonho dourado” de muitos sujeitos que trabalham com artes cênicas na Europa. Outro motivo de estupor é a presença da dança e do teatro como componentes obrigatórios dos currículos da educação básica formal: na Itália, por exemplo, as atividades de teatro e dança nas escolas regulares são sempre pontuais e limitadas a projetos específicos, geralmente extracurriculares.

Talvez o modelo adotado no Brasil, de curricularização obrigatória na educação básica das práticas pedagógicas nas artes da cena, tenha ainda, por muitas décadas, grandes desafios para sua implementação a contento. Nesse ponto, poderíamos observar experiências e modelos pedagógicos em teatro e dança alhures e nos inspirar, pois nada impede que andem lado a lado, como complementares na constituição de um campo próprio. Em países como a Itália, lócus de estudo e pesquisa que tive a oportunidade de conhecer e vivenciar ao longo de três anos, há dois modelos prioritários de ensino de teatro e dança: o parterariado (trabalho conjunto colaborativo entre escolas e grupos/coletivos ou pedagogas e artistas) e a formação pedagógica (oficinas abertas, cursos, escolas livres, festivais) em artes cênicas oferecida pelos grupos de teatro e dança em suas sedes ou ainda pelos entes públicos (teatros e centros culturais). É importante salientar que o aporte financeiro para estas práticas vem de fundos públicos nacionais e regionais.

Nós, no Brasil, contamos com ensino de excelência naquilo que tange à formação inicial de docentes-artistas, com currículos que abarcam práticas e estudos teóricos e são atravessados pela dimensão pedagógica e pelo comprometimento ético, estético e educacional.

Nossas egressas e nossos egressos atuam na educação básica regular, no ensino informal, têm presença qualificada e marcante no terceiro setor e nas atividades voltadas à comunidade e são, na maior parte das vezes, ativos na vida cultural e artística de suas cidades e regiões, sejam como artistas, sejam como mediadores culturais capacitados.

Gostaria de retomar, no fechamento deste artigo, a metáfora que lanço em seu título: nas terras férteis deste país uma pedagogia das artes cênicas múltipla, variada e diversa (muito mais próxima da variabilidade sazonal e colorida da agricultura familiar do que das monocromáticas plantações de latifúndio) cresce, floresce, frutifica e se coloca no cenário internacional como uma das mais pujantes de que temos notícia. Há que se ter vontade política (nos níveis federal, estadual e municipal) para que todes tenham efetivado o direito a essa educação em artes qualificada e crítica na nossa Terra Brasilis.

Comunicado:

Em cumprimento à legislação eleitoral vigente, a partir do dia 02 de julho até o final do período de eleições, o perfil oficial do JU nas redes sociais permanecerá desabilitado. As edições continuam sendo publicadas semanalmente em ufrgs.br/jornal e serão divulgadas no perfil temporário [@jornaldauniversidadeufrgtemp](https://twitter.com/jornaldauniversidadeufrgtemp) nas redes sociais.

:: ÚLTIMA EDIÇÃO

-  **Carta aos leitores | 30.06.22**
-  **Poética visual marcante de Maria Lídia Magliani inspira novas gerações**
-  **Gordofobia leva à exclusão social de pessoas obesas**
-  **Carta aos leitores | 07.07.22**
-  **Núcleo de Mulheres na Engenharia busca incentivar a participação feminina em um universo ainda**
-  **Implementação do ensino de tecnologias e fundamentos computacionais na educação básica enfrenta desafios**

VIEW ALL

:: JU CIÊNCIA

-  **Divulgação Científica**
Artigo de doutoranda da UFRGS determina nova idade para estágio do período Cretáceo
-  **Rádio da Universidade**
Uso do carvão ativado para remoção de contaminantes é tema de estudo
-  **Podcasts científicos**
Eu Cientista | Conversa com a pesquisadora e ecologista Sandra Hartz sobre sua carreira acadêmica

:: VEM PRO CULTURA!

-  **Orquestra do Instituto de Artes promove concerto pedagógico**
Música | Atividade no Salão de Atos integra programação do departamento de Música do IA no Portas Abertas

Artista da capa

Mariana Lemmert e o desenhar em voz alta



Teatro Santo Qorpo, dirigido por Taís Ferreira, apresenta a obra "O Caramuru" de João Cabral de Melo Neto, baseada no livro "Caramuru, o herói que não nasceu" de Luís Antônio de Assis Brasil e em obras do dramaturgo gaúcho Qorpo. A obra é apresentada em uma das salas de teatro da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). (Foto: Flávio Gaitan/Arquivo) | 14 mar. 2016



ACOMPANHE O JU NAS REDES



Taís Ferreira é docente na Faculdade de Educação, área de Artes – Teatro.

"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."

O JU integra a Rede Nacional de Combate à Desinformação — www.rncd.org

POSTS RELACIONADOS



Impactos da pandemia na infância e na adolescência



Políticas públicas sobre endometriose no Brasil



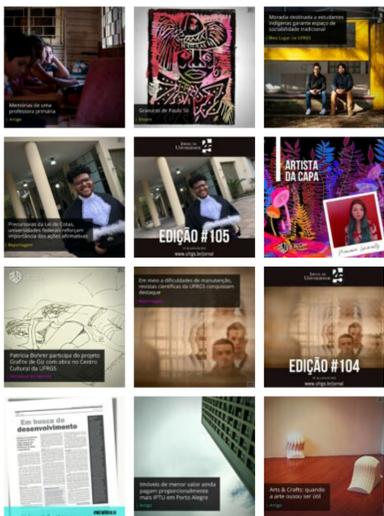
A criação de um arquivo digital em dança e seus desdobramentos



A gestão democrática escolar na rede municipal de Porto Alegre



INSTAGRAM



Veja mais

EDIÇÃO IMPRESSA



View more magazines

Edição 231

CONTATO

Jornal da Universidade
Câmpus Centro – Av. Paulo Gama, 110 |
Reitoria – 8. andar | Bairro Farroupilha |
Porto Alegre | Rio Grande do Sul |
CEP: 90040-060

Telefone: 3308.3497
Whatsapp: 3308 3368
Horário: Segunda-sexta | 9h-17h
jornal@ufrgs.br



Designed using [Unos Premium](#). Powered by [WordPress](#).

[Social Share Buttons and Icons](#) powered by [Ultimatysocial](#)